

# Pensamentos e sentimentos sobre os males da escravidão<sup>1</sup>

*Pensamentos e sentimentos sobre os males do tráfico perverso de escravos e comércio de espécies humanas, respeitosamente apresentado aos habitantes da Grã-Bretanha, por Ottobah Cugoano, um nativo da África. Londres: Impresso no ano de 1887.*

**Ottobah Cugoano**  
**Tradução de Fernanda Winter**

## *Introdução ao texto*

Marc Ferro apresentou, durante um seminário em 2006, uma comunicação sobre a questão da escravidão e citou, nesta ocasião, o nome de Quobna Ottobah Cugoano (ca. 1757?- depois de 1791). Na historiografia brasileira, o nome mencionado é conhecido, já que se trata de um dos primeiros negros africanos que, arrancado de sua terra natal, escreveu sua biografia durante sua trajetória em terras alheias, e denunciou os horrores do sistema escravocrata. Outros homens e mulheres (para citar apenas alguns: Olaudah Equiano (1745-1797), Rosa Egipcíaca (1719-1778), Maria Jesuína de Zomadonu (antes de 1797- após 1840), Mahommah Baquaqua (c.1824- após 1854) se engajaram nessa luta contra o temível comércio de homens, mulheres e crianças. O envolvimento desses homens e mulheres, desde o século XVII, na descrição, nos comentários e análise da escravidão, demonstra a sua capacidade em trocar informações, participar da circulação de ideias e pensamentos e militar em reação ao sistema que os tornaria um dia escravos, se revoltando e manifestando contra o sistema em vigor com uma arma que, até algumas décadas atrás, não era considerada ao seu alcance: a escrita em língua estrangeira.

---

1. Título original da obra: THOUGHTS AND SENTIMENTS ON THE EVIL OF SLAVERY. O texto pode ser encontrado no link: <http://quod.lib.umich.edu/e/eccodemo/Ko46227.0001.001/1;5?rgn=div1;view=fulltext>

O texto aqui apresentado foi traduzido do original em inglês: *Thoughts and Sentiments on the Evil of Slavery*, que foi publicado em Londres no final do século XIX. O seu autor, como o leitor poderá conferir, era nativo de uma região localizada no atual Gana, na África do oeste, no século XVIII, que foi raptado e levado para servir como escravo em Granada e, posteriormente, viajou para Inglaterra, onde teve a oportunidade de aprender a ler e escrever no idioma inglês. É nesse ínterim que redigiu esse texto de aproximadamente 65 páginas (aqui foram apenas traduzidas 17 páginas), um manifesto contra a escravidão permeado de elementos autobiográficos. É possível acompanhar os diversos deslocamentos do personagem ao longo de sua história e perceber a influência nos seus pensamentos de ideias de sua época (Olaudah Equiano teria o auxiliado para a publicação) que o permitiram desenvolver um raciocínio e sentimentos próprios.

No que toca aos aspectos técnicos da tradução, cabe ressaltar que tentou-se respeitar o estilo de escrita do autor. Cugoano utiliza-se de uma escrita livre, e seu texto parece um diário. A língua inglesa não era sua língua materna e, talvez por isso, a pontuação e a coesão entre parágrafos não estejam tão acuradas. Levando-se em conta, porém, sua condição de homem livre, depois de ter vivido na condição de escravo, sua capacidade de superação e apropriação de uma língua estrangeira e a elaboração crítica da conjuntura da época, é admirável a erudição, seu domínio da complexidade do vocabulário. Se esses dados forem levados em conta, portanto, a leitura será com certeza surpreendente e instigante.

*Fernanda Winter\** e *Marina Berthet Ribeiro\*\**

---

\* Graduada em Ciências da Religião; tradutora do texto

\*\* Coordenadora do dossiê

## *Pensamento e sentimentos sobre os males da escravidão*

Aquele que rouba e vende um homem, ou que faz dele uma mercadoria, ou se ele em sua mão encontrado for: esse ladrão deve então morrer. LEI DE DEUS.

Uma lei, e um modo de ser, será para você e para o estrangeiro que se hospedar em sua casa, e portanto, qualquer coisa que você deseja que aqueles homens façam para você faça você assim para eles.

Como muitos cavalheiros instruídos e de habilidades distintas, eminentes por sua grande humanidade, liberalidade e franqueza, escreveram vários ensaios contra o tráfico infame do comércio de escravos africanos, exercido também pelos lavradores e mercadores das índias ocidentais, para a grande vergonha e desgraça de todas as nações cristãs onde quer que isto seja admitido, em quaisquer de seus territórios, ou em qualquer lugar ou situação; não seria inoportuno se eu devesse reconhecer esses verdadeiros e valiosos cavalheiros com o mais alto senso de gratidão, por seus caridosos e louváveis esforços para a total supressão desse iníquo e infame tráfico que rouba, sequestra, compra, vende e cruelmente escraviza o homem.

Aqueles que se esforçaram para restaurar os direitos comuns por natureza a seus pares, especialmente ao pobre e infeliz povo negro que tem sido tão injustamente privado, não poderiam deixar de receber os aplausos de todos os bons homens e a aprovação daqueles que irão sempre redundar em sua honra; eles têm a autorização daquilo que é divino: Abrir suas bocas, julgar corretamente, advogar pela causa dos pobres e necessitados; os liberais para a criação de coisas liberais, e o dever de permanecer pelas coisas liberais. E eles podem dizer com seus trabalhos piedosos, Eu não lamentei por aqueles que estavam em dificuldades; Minha alma não se afligiu pelos pobres?

Os esforços gentis de muitos cavalheiros humanos e benevolentes, contra o iníquo tráfico de escravos e a opressão, têm sido recebido por muitos com bons olhos, e devem redundar em grande honra para eles, para a humanidade e para seus países; seus empreendimentos louváveis têm sido produtores dos mais beneficentes efeitos em prevenir que essa barbaridade selvagem aconteça nos países livres. Nesse aspecto, assim como em muitos outros, há uma classe de pessoas (as quais as virtudes de probidade e humanidade são bem conhecidas) que são dignas de aprovação e imitação universal, porque, como homens de honra e humanidade, concordaram conjuntamente em não prosseguir com a escravidão e barbárie selvagem entre eles. Desde a última Guerra, foi obtida uma mitigação de escravos em alguns respectivos distritos da América, apesar de não ter sido proporcional aos seus próprios apelos

apregoados de liberdade; mas é esperado que eles continuem a fazer uma reforma ainda maior e mais profunda. Contudo, não afrontando tudo aquilo que já foi feito e escrito contra isso, essa barbaridade brutal, e injustiça sem paralelos, ainda prossegue em proporções grandiosas nas colônias, e de maneira tão ávida, quanto insidiosa, cruel, e opressiva como nunca. Quanto mais aqueles homens insistem nas práticas de maldade e perversidade, mais descontrolados eles ficam; nada na história pode ser equiparado à barbaridade e à crueldade das torturas e assassinatos cometidos sob os vários pretextos da escravidão moderna, exceto os anais da inquisição e os éditos sangrentos dos massacres papais.

Fica manifesto, portanto, que algo mais deve ser feito; e o que se requiere, é evidentemente o dever incumbente de todo o homem esclarecido, e de todo homem que reivindique ou que tenha afinidade com o nome de Cristão, que o tratamento desprezível ao que os escravos africanos estão submetidos, deve ser abolido; e é ainda mais evidente, que todo e qualquer parte desse tráfico iníquo de escravos, não pode em quaisquer lugares ou níveis, ser admitido, a não ser entre aqueles que eventualmente renunciam aos seus próprios pedidos de qualquer nível de sensibilidade e humanidade, como os bárbaros e russos.

Mas seria desnecessário obter uma história de todo o tratamento vil ao que todos os escravos africanos foram submetidos, para se demonstrar a perversidade e maldade excessiva desse tráfico insidioso, já que o todo deve aparecer facilmente em cada parte, e sob cada ponto de vista, ser total e completamente hostil a todas as ideias de justiça, equidade, razão e humanidade. O que eu pretendo avançar contra esse tráfico perverso, maléfico e criminoso de escravizar o homem, são apenas alguns Pensamentos e Sentimentos que me ocorreram como sendo óbvios das Escrituras da Verdade Divina, os tais argumentos que são, sobretudo, deduzidos disso, com outras observações que pude coletar. Algumas dessas observações devem guiar para um campo maior de considerações do que o do escravo africano ou da escravidão, e os males produzidos por ela, devem demonstrar que sua origem e sua fonte são de natureza perversa e criminal.

Nenhuma necessidade, ou qualquer situação do homem, não importa quão pobre, deplorável e desgraçado ele possa ser, pode autorizá-los a roubar os outros, ou obrigá-los a se tornarem ladrões, porque são pobres, miseráveis ou desgraçados: Mas os ladrões de homens, os sequestradores, ludibriadores e donos de escravos, que subtraem os direitos comuns e privilégios para beneficiarem e enriquecerem eles mesmos, são universalmente aqueles deploráveis e detestáveis desgraçados; pelo ludibriamento de outros, e por levarem sua liberdade atra-

vés da escravidão e opressão, é o pior tipo de ladrão, a maior oposição a qualquer tipo de injunção e preceito da Lei Divina, e contrário ao comando que exige que todos os homens deveriam amar seus vizinhos assim como eles mesmos, e que eles deveriam fazer ao outro aquilo que eles gostariam que o outro fizesse a eles. Para qualquer outra lei que os donos de escravos possam fazer entre eles, como respeitar os escravos, ela não podem ser de melhor tipo, nem conceder-lhes qualquer melhor caráter, do que o que sugerem os boatos comuns – que deve haver alguma honestidade entre ladrões. Essa pode parecer uma comparação dura contra aqueles que insistem nessa perversidade descontrolada. Mas, nessa tarefa, preciso humildemente esperar que o leitor imparcial perdoe tais defeitos que devem surgir do desejo por uma melhor educação; e para o ressentimento daqueles que podem deitar seus chicotes nas costas de milhares, por milhares de vezes menos criminosos do que escrever contra a enorme perversidade e avaria brutal, é o que eu devo esperar encontrar.

Contudo, para um homem da minha tez não poderia ser se não desencorajador em uma tentativa como essa, lidar com as maldosas difamações de alguns homens, que dizem:

Que um Africano não é qualificado para quaisquer níveis competentes de conhecimento, ou capaz de assimilar quaisquer sentimentos de probidade e que a natureza o designou para um elo inferior na corrente, feito apenas para ser um escravo.

Mas quando me encontro com aqueles que não possuem escrúpulos para lidar com a espécie humana, assim como com as bestas da terra, Eu devo achá-los não apenas brutais, mas perversos; e que suas difamações são insidiosas e falsas: E se tais homens podem ostentar maiores níveis de conhecimento, do que qualquer Africano estaria apto, Eu deveria deixá-los aproveitar todas as vantagens disso sem invejar, já que temo que se trate apenas de um maior compartilhamento de infidelidade, e de caráter mais negro do que apenas a dimensão da pele. E se sua tez não for a que eu suponho ser, ela é então no mínimo a mais próxima em semelhança a de um tom infernal. Um homem bom não falará ou fará o que um homem mau faria; mas se um homem é mau, não faz diferença se ele é um diabo preto ou branco.

Por alguns dessa tez, não importa se brancos ou negros, eu fui apartado de meu país de origem, com mais 18 ou 20 meninos e meninas, enquanto brincávamos no campo. Nós vivíamos ha alguns dias de viagem da costa de onde fomos raptados, e ao sermos atraídos e levados fomos rapidamente conduzidos para uma fábrica, e daí, à maneira moderna de tráfico, fomos consignados a Granada. Talvez não seja impróprio que eu compartilhe algumas lembranças, como descrição de mim mesmo, nessa transposição de cativo.

Eu nasci na cidade de Agimaque,<sup>2</sup> na costa de Fantyn; meu pai era um súdito do rei naquela parte do país de Fantee, e quando o velho rei morreu eu fui deixado em sua casa com sua família; pouco depois fui enviado para seu sobrinho, Ambro Accasa, que sucedeu o velho rei na chefia daquela parte de Fantee conhecido pelo nome de Agimaque e Assine. Eu morei com seus filhos, desfrutando de paz e tranquilidade, durante vinte luas, que, de acordo com sua maneira de calcular as horas, são dois anos. Eu fui enviado para visitar um tio que vivia a uma distância considerável de Algimaque. No primeiro dia de viagem, chegamos a Assinee, e no terceiro dia chegamos à casa de meu tio, onde eu vivi por três meses, e então estava pensando em voltar a morar com meu pai e sua jovem companheira em Agimaque; mas nesse meio tempo travei conhecimento com alguns filhos das centenas de relações de meu tio, e durante alguns dias fomos muito aventureiros adentrando a floresta para colher frutas e caçar passarinhos, coisas que muito nos divertiam. Certo dia, recusei em ir com o resto, por estar apreensivo de que algo pudesse nos acontecer; até que um dos meus colegas de brincadeira me disse, só porque você pretence ao homem poderoso você está com medo de arriscar sua carcaça, ou algo do “bousam” que é o demônio. Isso me deixou tão furioso, que eu resolvi me juntar aos outros, e adentramos a floresta como de costume; mas não demorou duas horas para que nossos problemas começassem, quando um bando de rufões nos abordou de repente, dizendo que havíamos cometido uma grande falha contra seu senhor, e que deveríamos ir e responder por nós mesmos diante dele.

Alguns de nós tentaram fugir em vão, logo nos foram apresentadas as pistolas e cutelas, nos ameaçando, que se nos movêssemos, cairíamos todos mortos no chão. Um deles fingiu ser mais amigável que o resto, e disse que falaria com seu senhor para nos liberar, e quis que o seguíssemos; fomos então divididos em dois grupos e seguimos atrás dele. Logo deixamos o caminho que conhecíamos, e noite adentro, quando avistamos uma cidade, ele nos disse que esse grande senhor deles vivia lá, mas fingiu que era já muito tarde para ir vê-lo de noite. Na manhã seguinte vieram outros três homens, os quais falavam uma língua diferente da nossa, e falaram com um daqueles que nos vigiaram durante a noite, mas aquele que fingiu ser nosso amigo, e alguns outros foram embora. Perguntamos a nossos vigias o que aqueles homens disseram a eles, e eles responderam, que eles os convidaram, juntamente conosco, para cear com eles aquele dia, e que deveríamos adiar a ida ao grande homem até o dia seguinte; sem

---

2. Agimaque ou Ajimako, cidade do atual país Gana (região central).

suspeitar que estávamos prestes a sofrer nosso fadado destino, ou que esses vilões na verdade nos comeriam na ceia como se fôssemos suas presas. Nós seguimos novamente com eles numa viagem de meio dia de duração, e chegamos a uma grande multidão de pessoas, ouvindo diferentes tipos de música; e o dia todo após termos chegado lá, estávamos muito alegres com a música, a dança e a cantoria. Durante a noite, fomos persuadidos de que até o dia seguinte não poderíamos voltar para onde o grande homem vivia; e quando chegou a hora de dormir, fomos separados em casas diferentes com pessoas diferentes. Na manhã seguinte perguntei pelo homem que tinha me levado até ali e pelo resto de meus companheiros; e me disseram que eles tinham ido até a costa para trazer rum, armas e pólvora, e que alguns dos meus companheiros tinham ido com eles, e que outros tinham ido para o campo para alguns afazeres. Isso fez crescer em mim uma grande suspeita de que havia alguma traição no caso e comecei a pensar que minhas esperanças de retornar para casa novamente estavam acabadas. Fiquei rapidamente muito inquieto, sem saber o que fazer, e me recusei a comer e beber por dias a fio, até o homem de casa me dizer que ele faria tudo o que estivesse ao seu alcance para me levar de volta ao meu tio; então comi algumas frutas com ele, e me ocorreram alguns pensamentos de que eu seria procurado depois, já que eu estava sumido de casa há cinco ou seis dias. Eu perguntava todos os dias se o homem havia voltado, e se meus companheiros haviam voltado, mas não conseguia nenhuma resposta satisfatória. Eu fiquei em torno de seis dias na casa desse homem, e a noite outro homem veio e conversou com ele por um tempo, e que um disse para o outro: ele precisa partir, ao que o outro respondeu: quanto antes melhor; aquele homem então surgiu e me disse que conhecia meus parentes em Augimaque, e que deveríamos partir na manhã seguinte, e que ele me levaria até lá. Por conseguinte, partimos no outro dia, e viajamos até escurecer, quando chegamos a um lugar onde tomamos uma sopa e adormecemos. Ele carregava uma sacola com ouro em pó, que segundo ele era para comprar algumas mercadorias na costa para levar com ele até Algimaque. No outro dia seguimos viagem e à noite chegamos a uma cidade, onde encontrei muitas pessoas brancas, que me fizeram temer que eles pudessem me comer, de acordo com nossa noção de crianças do interior do país. Isso me fez dormir muito aflito durante toda a noite, e na manhã seguinte me trouxeram comida e me fizeram comer e me apressar, já que meu guia e sequestrador me disse que ele tinha de ir ao castelo com alguma companhia que estava indo até lá, como ele me disse antes, para comprar algumas mercadorias. Depois de ter sido mandado para fora, os horrores que logo vi e senti não podem ser

descritos; Vi muitos de meus miseráveis compatriotas acorrentados dois a dois, alguns algemados, outros com as mãos amarradas para trás. Fomos conduzidos por um guarda, e quando chegamos ao castelo, perguntei ao meu guia porque eu tinha sido levado para lá, ele me disse que era para aprender as maneiras dos “brancos azedos”<sup>3</sup>, que eram as pessoas de cara branca. Eu o vi pegar uma arma, uma peça de roupa, então ele me disse que precisava me deixar ali, e partiu. Isso me fez chorar amargamente, mas eu fui logo levado para uma prisão, por três dias, onde ouvi os gemidos e o choro de muitos, e vi alguns de meus companheiros cativos. Mas quando uma embarcação chegou para nos conduzir até o navio, essa foi a cena mais horrível; não se ouvia nada além do estridor das correntes, do estalar dos chicotes, e dos gemidos e choro de nossos companheiros. Alguns não conseguiam se levantar do chão após terem sido chicoteados e espancados das maneiras mais horríveis. Esqueci o nome desse forte infernal; mas fomos levados do navio que veio nos pegar para levar para outro pronto para zarpar de Cape Coast. Quando fomos colocados no navio, vimos muitos mercadores negros subindo a bordo, mas fomos todos conduzidos aos nossos porões e não padecemos em falar com nenhum deles. Estivemos por vários dias nessa situação ainda tendo nossa terra natal à vista; mas não encontrei qualquer pessoa bondosa que pudesse levar notícias minhas para Acasa ou Algimaque. E quando fomos levados de vez para longe, a morte era preferível à vida, e então elaboramos um plano entre nós, que iríamos queimar e explodir o navio, e pereceríamos todos em suas chamas; mas fomos traídos por uma de nossas compatriotas, que dormiu com um dos chefes do navio, essa era uma prática comum daqueles sujos indecentes, levar a mulher Africana para deitar sobre seus corpos; mas os homens eram acorrentados e encerrados em buracos. As mulheres e crianças que se incubiriam de explodir o navio, com a aprovação e mumúrios do resto; apesar de nos ter sido prevenido de que a descoberta do plano resultaria numa cruel cena sangrenta.

Mas seria desnecessário descrever todas as cenas sangrentas que presenciamos, e o tratamento imoral a que fomos submetidos nessa horrenda situação cativa, como já são bem conhecidos os casos similares de outros milhares, que sofreram com esse tráfico infernal. É suficiente dizer, que meus bondosos pais e parentes me perderam assim como eu a eles. Todo meu Socorro era choros e lágrimas, e isso não me era útil; como não o era sofrer por tempo demais, até que as sucetivas dores e horrores fossem engulidas uma após a outra.

---

3. No texto original a palavra é *browfow*.



Trazido de um estado de inocência e liberdade, e, de forma bárbara e cruel, conduzido a um estado de horror e escravidão: Essa situação de abandono pode ser fácil de conceber, mas difícil de descrever. Do tempo em que fui raptado e levado a uma fábrica, e disso consignado a Granada, à maneira brutal porém moderna de tráfico, os pensamentos dolorosos que senti, estão ainda ofegantes em meu coração; apesar de meus medos e lágrimas terem ao longo do tempo diminuído. E ainda é penoso pensar que outros milhares passaram por semelhante ou maior agonia, nas mãos de bárbaros ladrões, e impiedosos mestres do ofício; e que muitos ainda sofrem as mais extremas amarguras de sofrimento e dor, que nenhum idioma pode descrever. O choro de alguns, e a visão da miséria, podem ser vistas e ouvidas ao longe; mas o profundo som do lamento de milhares, e a enorme tristeza de sua miséria e sofrimento, sob o pesado fardo de opressões e calamidades infligidas a eles, são tamanhas que só podem ser conhecidas distintamente pelos ouvidos de Deus, Jeová.

O senhor das hostes, em sua grande Providência, e grande misericórdia para comigo, criou uma maneira de me salvar de Granada. Estando nesse horrendo cativo e terrível escravidão, sem nenhuma esperança de salvação, por oito ou nove meses, assistindo às mais horrendas cenas de miséria e crueldade, e vendo meus companheiros miseráveis serem frequentemente cruelmente chicoteados, como se fossem cortados em pedaços, pelas mais insignificantes falhas; isso me fez estremecer e chorar com frequência, mas eu escapei melhor que muitos deles. Por comer um pedaço de cana de açúcar, alguns eram cruelmente chicoteados, ou golpeados na face para terem os dentes arrancados. Alguns dos mais resistentes, frequentemente reprovados, eu suponho, e crescidos cada vez mais duros e estúpidos pelas cruéis chicotadas e espancamentos, ou talvez abatidos e pressionados pela fome e trabalho pesado, frequentemente cometiam transgressões desse tipo, e quando descobertos, eram exemplarmente punidos. Alguns me disseram que eles tinham seus dentes arrancados para deter os outros, e prevenir que eles comessem qualquer cana de açúcar no futuro. Assim, observando meus companheiros miseráveis e meus compatriotas nessa deplorável, horrenda e agonizante situação, onde reinava todo tipo de brutalidade e barbárie, eu não poderia se não encher minha mente insignificante de horror e indignação. Mas eu mesmo devo dizer para a vergonha de meus próprios compatriotas, que eu fui raptado e traído por alguns da minha própria cor, que foram a primeira causa de meu exílio e escravidão; mas se não houvesse compradores, não haveria vendedores. Então se eu me lembro bem, alguns Africanos em meu país detinham escravos, para serem levados para a Guerra,

ou por dívidas; mas aqueles que eles detinham eram bem alimentados, e recebiam os devidos cuidados, eram bem tratados; e quanto às vestimentas, elas variavam de acordo com o costume do país. Mas posso dizer seguramente, que toda a miséria e pobreza enfrentadas por quaisquer habitantes da África, é muito inferior ao das inóspitas regiões de miséria encontradas nas Índias-Occidentais, onde os duros corações dos além-mar não consideravam as leis de Deus, ou a vida de seus pares.

Graças a Deus, fui salvo de Granada, e daquela horrenda escravidão brutal. Um cavalheiro vindo para a Inglaterra me tomou para seu servo, e me trouxe para cá, onde eu logo achei uma situação mais agradável. Depois de vir para a Inglaterra, e ver os outros lerem e escreverem, eu tive um forte desejo de aprender, e conseguir qualquer ajuda que pudesse, Eu me inscrevi para aprender a ler e escrever, o que logo se tornou meu lazer, prazer e deleite; e quando meu mestre percebeu que eu podia escrever um pouco, ele me mandou para uma escola formal com o propósito de aprender. Desde então, me esforcei a melhorar minha mente com a leitura, e procurei conseguir toda inteligência que podia, na minha situação de vida, em vista do estado de meus irmãos e compatriotas de cor, e da situação deplorável daqueles que são barbaramente vendidos ao cativo, e injustamente mantidos escravos.

Mas, dentre outras observações, possuo um grande dever ao todo poderoso Deus, (o grato reconhecimento que eu não omitiria por qualquer consideração) que, apesar de ter sido trazido de meu país de origem, naquela torrente de roubo e perversidade, graças sejam dadas a Deus por sua providência para comigo; Eu obti a liberdade, e adquiri as grandes vantagens de algum aprendizado, em estar apto a ler e escrever, e, o que ainda é de infinitamente maior vantagem, eu confio, saber algo DELE, ele é aquele Deus cuja a providência reina sobre tudo, e que é o único SER POTENTE que reina nas nações sobre as crianças dos homens. É a ele, que é o Príncipe dos Reis da terra, que eu dou todas as graças. E, de alguma maneira, eu diria como José, assim como ele disse com respeito às intenções malélicas e motivos ruins que aqueles insidiosos ladrões tinham em me levar para longe de meu país de origem e meus amigos, eu confio, que foi o que o senhor quis para o meu bem. A esse respeito, estou profundamente em dívidas com o bom povo da Inglaterra por ter aprendido princípios desconhecidos para os povos de meu país natal. Mas, acima de tudo, o que eu obtive do Senhor das Hostes, o Deus dos cristãos! Nessa revelação divina do único e verdadeiro Deus, o Salvador dos homens, quais os tesouros de sabedoria e bênçãos estão envolvidos? Quão maravilhosas

são as virtudes divinas expostas naqueles valiosos livros, a Bíblia? E, que tesouro para se ter, e uma das maiores vantagens é poder lê-la, e entender as bênçãos divinas.

Mas, retornando ao assunto, eu iniciei com o Capataz. Esse homem se lançou como amigo das colônias da Índia Ocidental e seus habitantes, como Demétrius, o mito de prata, um homem de habilidades consideráveis, que ao ver seu ofício ameaçado, um ofício, contudo, não tão inocente e justificável pela construção dos templos para Diana, apesar de isto ser vil e perverso o suficiente para escravizar as mentes dos homens com superstição e idolatria; mas seu ofício e o ganho daqueles trabalhadores, consistia em escravizar a mente e a alma para a idolatria cruel, e para os mais abomináveis serviços e escravidão, para o ídolo da avaréza cruel: e ele se depara com a descoberta de seu tráfico perverso desmascarado sob uma luz na qual a verdade dos fatos poderia ser claramente vista, somente o vilão mais desesperado a ousaria obstruir ou se opor, ele então prossegue com todo o desespero de um agressor utópico, a dizer mentiras sob uma virulenta contradição de fatos, e com falsas difamações tentou caluniar o valioso e prudente ensaísta da descoberta, um homem, cujo caráter era impecável. Com isso, acreditando que se ele pudesse engenhosamente trazer a reputação do autor, que havia descoberto o bastante sobre o seu tráfico iníquo, em questão, a tentativa do mesmo iria falhar e ser ignorada. Contudo, esse virulento homem não conseguiu quaisquer méritos para sua causa ou créditos para seu ofício infame; com a revelação da verdade, sua compreensão conseguiu apenas no melhor de sua avaréza e infidelidade, elaborar a seguinte concessão:

Eu não devo ser tão mal compreendido, pelo lado prudente e cândido da humanidade, e nem ser colocado dentre os defensores da escravidão, já que eu sinceramente me uno ao Sr. Ramsay, e a qualquer outro homem de sensibilidade, que esperam que as bênçãos da liberdade serão, no seu devido tempo, difundidas igualmente por todo o globo.

Disso, deduzi que ele estava um tanto envergonhado de seus trabalhadores, e não gostaria de ser colocado no mesmo nível que eles. Mas, enquanto houver esperança de ganho com esse ofício insidioso, ele poderá muito bem se juntar a eles, e se justificar através desse tráfico que vende, compra e escraviza o homem. Ele acha defeito em um plano para punir os bandidos, ladrões e vagabundos, que afligem seus vizinhos com sua sovinisse, roubalheira e pilhagem, sem considerar quaisquer leis, humanas ou divinas, exceto as regras de sua própria fraternidade, e nesse caso, de acordo com o provérbio, deve haver alguma honra entre os ladrões; mas essas são as únicas pessoas no

mundo que deveriam sofrer alguma punição, prisão ou escravidão; sua cor da pele, se branca ou negra, não deve ser desculpa para fazer o mal. Estando ciente disso, talvez ele tivesse medo de que alguns de seus amigos, a grande e opulenta bandidagem de donos de escravos na parte ocidental do mundo, devessem ser culpados de crimes mais atrozes e complicados, do que aqueles dos salteadores, dos bandidos e do que os insignificantes estelionatos cometidos na Inglaterra. Portanto, para tirar o melhor desse triste dilema, ele faz uma cômica e inventiva comparação que seria um evento que iria sem dúvidas abastecer um novo e prazeroso compartimento da bem conhecida e deleitosa gravura, chamada, “O mundo virado de cabeça para baixo”, na qual o cozinheiro é assado pelo porco, o homem selado pelo cavalo, etc. Se ele quis dizer que os complicados bandos de piratas, ladrões, bandidos, opressores e escravizadores de homens, são os cozinheiros e homens que serão assados e selados, com certeza não seria nada mal vê-los bem assados, selados e com arreios e não importa por quem desde que sejam chamados de porcos, cavalos ou burros. Mas não é provável que essa comparação boba e maldosa que foi descrita, traga aos opulentos piratas e ladrões uma punição merecida, já que eles poderiam muito bem virar o jogo com um sorriso cínico. Contudo, para fazer uso dessas palavras, seria uma visão deleitável, quando ladrões e bandidos chegassem ao topo do mundo, para vê-los serem derrubados; E eu não interromperia seu júbilo, ao vê-los rir de suas próprias comparações inventivas e maldosas se isso de seu agrado for.

Mas novamente, quando ele faz uma comparação das muitas adversidades sob as quais os pobres da Grã-Bretanha e Irlanda trabalham, assim como a situação de muitos outros em outros países, que suas aflições são piores do que a dos escravos das Índias ocidentais – pode até ser verdade, em partes, que alguns deles tenham sofrido maiores dificuldades do que muitos dos escravos; mas, ruim como escravidão, o mais pobre da Inglaterra não trocaria sua situação pela dos escravos. E pode até haver alguns mestres, sob várias circunstâncias, piores que seus servos; mas ele não trocaria sua situação pela deles: Nem um homem rico trocaria sua situação de riqueza, pela de um mendigo: e assim, da mesma maneira, nenhum homem livre, por mais pobre e sofrido que seja, renunciaria sua liberdade pela de um escravo, na situação de um cavalo ou cachorro. O caso dos pobres, não importa quais sejam suas dificuldades, nos países livres, é muito diferente da dos escravos das Índias ocidentais. Os escravos, como animais, são trazidos e vendidos, e tratados como seus donos caprichosos acharem que merecem, até mesmo torturando e dilacerando-os em pedaços, desgastando-os com trabalhos pesados, fome e opressão; e a morte

do escravo resulta ainda mais violenta do que comumente é a morte de outros milhares e dezenas de milhares no fim, o tirano arrogante, nesse caso, precisa pagar apenas uma pequena multa pelo assassinato e morte de seu escravo. As criações geralmente se alimentam melhor do que o homem, e alguns cachorros recusariam as migalhas que o pobre sofrido se satisfaria; mas a natureza e a situação do homem são bem superiores a das bestas; e, da mesma maneira, quaisquer circunstâncias em que um pobre homem livre esteja, sua situação é muito superior, além de qualquer proporção, daquelas de crueldade e adversidades da escravidão moderna. Mas quando a situação de um homem livre pode ser tão ruim quanto à de um escravo; ou, poderia tal situação existir, ou ainda pior, se existisse, o que essa comparação somaria? Ele suplicaria por um ofício de escravidão e opressão? Ou, ao invés disso, não gritaria alto por algum consolo, e o que toda adequada sociedade de homens deveria ouvir e considerar, que nenhum homem deveria sofrer de fome ou ser oprimido? E isso parece ser colocado pelas circunstâncias que ele descreve; que essa é a grande tarefa e deve ser a maior ambição de todos os governantes, organizar e estabelecer tal política, e que dessa sábia maneira, tudo deveria ser administrado, para se conduzir à moral, ao temporal e eterno bem-estar de todo indivíduo do mais baixo ao mais alto nível; e a consequência disso seria a harmonia, felicidade e boa prosperidade de toda a comunidade.

Mas esse autor ladino também concedeu, em defesa própria ou de seus empregados do ofício da escravidão britânica das Índias – ocidentais, diversas comparações e descrições do tratamento dos escravos nas ilhas francesas e das colônias nas Índias-ocidentais da América. E, contrário aos fatos reais, ele teria suposto que o tratamento dos escravos anteriores era mais ameno do que o dos últimos; mas mesmo com isso, incauto com seu próprio ofício da escravidão, tudo que ele alegou, só poderia adicionar questões para sua confutação, e servir para aumentar o ardor e desejo de toda mente generosa, que o todo deveria ser abolido. Um mesmo nível de enormidade de um lugar, não pode justificar crimes de mesma ou maior enormidade cometidas em outro lugar. As várias depredações cometidas por ladrões e saqueadores, nas diferentes partes do globo, não poderiam ser igualmente ruins, mas sua ruindade e malignidade, em qualquer aparência ou forma, só podem ser reduzidas à seguinte observação, de que:

A virtude, por si só tem um valor peculiar

O Vício, para ser odiado, precisa primeiro ser percebido.

Quanto mais a descoberta e conhecimento de tal enorme maldade, como o tratamento desprezível e vil e a escravidão a que os pobres e desafortunados negros estão submetidos, é divulgada e dada a conhe-

cer, o grito por justiça, e virtude que eleva sua voz, precisa soar mais e mais alto, para que a equidade e justiça levantem-se em sua defesa. E esse sábio grito, e compreensão não eleva sua voz? Mas, quem se importará com a voz e ouvirá o grito? Não os gatunos defensores da escravidão, apesar de estarem um tanto envergonhados por seu ofício; como o crocodilo monstruoso que chora sobre a presa com graciosa transigência (equanto devora seu próprio apetite guloso) a esperar que a liberdade universal tome conta do globo. Não aqueles inebriados com avareza e infidelidade, que se mostram rebeldes a quaisquer leis divinas, e que se esforçam o quanto podem para destruir os direitos comuns e naturais e os privilégios dos homens. Não o insolente e ladino autor da escravidão e opressão, que nos faria acreditar, que o comando benigno de Deus em apontar o sétimo dia para o sabbath de descanso para os bons propósitos de nosso presente e eterno bem-estar, não deve ser considerado. Ele irá exclamar contra os professores da obediência para isso; e nos dizer, que os pobres, e oprimidos, e os malfadados escravos, não deveriam despôr de seu pesado fardo nesse dia, mas sim utilizar essas horas de descanso sagrado para ocupar com algum trabalho útil. Suas próprias palavras são,

Para dedicar as horas inapropriadas de Domingo para o cultivo de um bom pedaço de terra, ele é levado a acreditar que seria o pior dos pecados, e que o Sabbath é um dia de descanso absoluto e universal, é uma verdade que ele ouve frequentemente do padre da paróquia. Porém depois de se referir a este assunto em forma e maneira indireta e com rodeios, seja o que for que o pároco tem a dizer sobre isso como uma verdade, ele não levava a gente de jeito nenhum em consideração. Isso serve de amostra de sua produção detestável, onde a infidelidade, falsas difamações, calúnias virulentas, e contradições estão por toda parte. Eu só me referirei a ele desta maneira, como a maneira mais aplicável a ele; desde que ele não renuncie seu ofício, mesmo se envergonhando um tanto de seus empregados e a insensibilidade deles, ele se portará como descrito por ele: Um homem de rica imaginação (mas de estranha apaixonada insensível sensibilidade) que vê as coisas não como elas realmente são, mas como seus preconceitos arraigados as representam, até mesmo para fechar seus olhos contra as convicções de seu próprio bom senso.

Mas tal é a insensibilidade do homem que, quando seu ganha-pão é sustentado pela escravidão e opressão de outros, que mesmo após todos os louváveis esforços dos verdadeiros e humanos, para que a os benefícios da liberdade e independência para os mais degradados e desafortunados Africanos, que é o direito comum e privilégio de todos os homens, em tudo que é legítimo e consistente, os princípios da equi-

dade, são contrariados, e quaisquer princípios de justiça e equidade desconsiderados; mas esse tráfico ilegítimo que trata nossos pares como se trata as bestas da terra, continua acontecendo com maior assiduidade que antes; e essa pirataria insidiosa de caçar e manter escravos é aprovada e apoiada pelos governos de várias nações Cristãs. Essa parece ser a forma moderna de conseguir riquezas, mas muito desonrada; fazendo isso os donos de escravos são piores e mais baixos que os próprios escravos Africanos, eles se sujeitam e se rebaixam ao nível de brutos, eles se rebaixam ao nível de demônios.

Alguns pensam que os Africanos, de modo geral, são um bando de pobres, ignorantes, dispersos, pessoas insociáveis; e que eles não acham crime se venderem ou venderem suas esposas e filhos; por isso eles são trazidos para uma situação na qual muitos poderão alcançar um melhor estado do que poderiam obter em seu país de origem. Esse pretexto enganoso não tem qualquer sombra de justiça e verdade, e, mesmo que o argumento fosse verdade, isso não dá a qualquer sociedade o direito de ter escravos. Mas o argumento é falso; não há ignorância, dispersão, ou insociabilidade entre eles que possa ser melhorada trazendo-os para um nível igual ao das vacas e cavalos.

Mas deixe sua ignorância quanto a certas coisas ser o que quiser, não é a intenção daqueles que trazem os escravos dar-lhes uma vida melhor; a intenção dos donos de escravos não é outra se não fazer que sirvam a eles como máquinas ou burros de carga; que sua própria tranquilidade e lucro avancem através de um bando de pobres e coitados homens e mulheres, que eles desprezam e tratam como bestas, e os mantêm em perpétua escravidão, eles e seus filhos, e a única maneira de se livrar da labuta é através de uma morte misericordiosa. Através da benevolência de poucos, alguns deles conseguem sua liberdade, e por esforço próprio, podem adquirir algum conhecimento, ofício mecânico, ou outro negócio útil; e alguns podem ser trazidos por cavalheiros diferentes para países livres, onde conseguem sua liberdade; mas nada disso acotece graças a nenhum dono de escravo. Mas dentre aqueles que conseguem sua liberdade, assim como todos os outros homens ignorantes, são geralmente mais moralmente corruptos, do que possivelmente teriam sido junto a seu povo na África; e por estar maior parte do tempo junto aos cristãos apóstatas e perversos, eles aprendem logo seus palavrões e blasfêmias, e suas malvadezas, do que qualquer outra coisa. Alguns, de fato, conseguem até eventualmente algum conhecimento da religião cristã, e suas vantagens.

Esse foi o caso de Ukawsaw Groniosaw,<sup>4</sup> um príncipe africano,

---

4. A narrative of the most remarkable particulars in the life of James Albert Ukawsaw

que viveu na Inglaterra. Ele passou um grande período em estado de grande pobreza e sofrimento, e teria morrido de fome se um caridoso advogado não o tivesse apoiado. Depois ele esteve novamente por muito tempo muito pobre, mas ele não trocava sua religião Cristã nem por todos os reinos da África para sair da pobreza. E esse também foi o caso de A. Marrant na América. Quando criança ele vagueava/perambulava para dentro do deserto e preferia a sociedade de animais selvagens ao Cristianismo absurdo da casa da mãe dele. Ele foi conduzido ao rei dos Cherokees, que de maneira miraculosa, foi convencido por ele a abraçar a fé cristã. Esse Marrant esteve no service Britânico na última Guerra, e sua realeza convertida, o rei dos índios Cherokee, acompanharam o general Clinton no sítio de Charles-Town.

Esses, e todos como esses, espero milhares, quando se deparam com o conhecimento e graça da clemência divina, são levados a um fim contrário aos fins e intenções da escravidão, e, de modo geral, de todos os donos de escravos também. E que isso possa agradar sua divina bondade, visitar alguns pobres Africanos negros, mesmo no seu brutal estado de escravidão, e então colocá-los dentre os princípios de sua graça, e investi-los com um manto de honra que ficará pendurado para sempre em seus pescoços; Mas quem iria supor, que seria agradável para ele, encontrá-los sujeitos àquele estado desanimador? Ou, podem os donos de escravos achar que o Pai Universal e Soberano da Humanidade estaria satisfeito com eles, pelas transgressões brutais às suas leis, curvando o pescoço daqueles ao jugo de sua cruel escravidão? Sua bondade Soberana pode eventualmente visitar alguns homens mesmo em estado de escravidão, mas sua escravidão não é a causa desse evento e benignidade; e portanto, quando um evento de bondade acontece a alguns homens sujeitos à escravidão, isso não poderia alegar nada para que o homem faça o mal esperando por um bem; E se isso aparentemente acontecer daí, isso não foi buscado ou planejado pelos escravizadores dos homens. Mas todo o negócio da escravidão é um mal de primeira magnitude, e a mais horrível iniquidade traficar escravos e almas de homens; e um mal – sinto muito, que ainda subsiste, e mais espantoso é pensar, que essa é uma iniquidade cometida dentre os cristãos, e contrária aos princípios genuínos do Cristianismo, e mantida por homens considerados cristãos.

Em uma área Cristã, em uma terra onde o Cristianismo está plantado, onde todos devem esperar contemplar o florescer crescente de todas as virtudes, extendendo seus galhos harmoniosos com filantropia universal de onde quer que eles venham; mas, ao contrário, não



se vê nada mais além de plantas espinhentas e de rufões, bárbaros e donos de escravos, crescidos de uma perversidade luxurianta. Eu não posso outra coisa, se não desejar, para a honra do cristianismo, que os arbustos espinhentos que crescem entre eles, conhecidos pelas nações infiéis por nomes diferentes, depredadores, ladrões, capturadores dos homens não podem nunca ser cristãos, mas devem ser tidos como a abominação dos homens, a abominação de toda humanidade, sejam eles cristãos ou infiéis. Qualquer homem de alguma sensibilidade, seja ele cristão ou infiel, se ele tem algum discernimento, deve pensar que para qualquer homem, ou qualquer classe de homem, lidar com seus pares como as bestas da terra; ou tratá-los como tal, não importa o quão ignorantes eles sejam, e em qualquer que seja a situação em que eles se encontram, e não importa o país ou sua tez, que esses homens que são os aquisitores e donos de escravos, são os maiores vilões do mundo. E é claro que esses homens não possuem qualquer sensibilidade, e pensam que roubar, furtar, escravizar, e assassinar os homens não são crimes; Mas aqueles que mantêm os homens em escravidão são os líderes de todas essas opressões e crimes. E, por isso, não importa quão insensíveis eles são agora, e não importa por quanto tempo eles rirão da calamidade dos outros, se eles não se arrependerem de sua maldade, e da perversidade de suas ações, por manter seus pares em escravidão, e por traficá-los como o fazem com a criação bruta, e desistir e entregar esse tráfico maldoso, com uma terrível repugnância para com esse, e que isso deva ser afirmado, se eles não fizerem, e se podem pensar, eles não podem e não devem esperar outra coisa se não finalmente um dia, se deparar com o golpe de vingança dos céus por muito tempo suspenso, quando a morte os submeterá ao estado tão horrível quanto o do mais desprezível escravo, e para o perigo eminente de um destino bem mais horrível dali para frente, quando terão a recompensa exata por suas iniquidades.

Agora, sobre os Africanos serem dispersos e insociáveis, se assim o fosse, isso não seria justificativa para os Europeus os escravizarem; e mesmo que eles tenham várias rixas e práticas ruins entre eles, o continente da África é de vasta extensão e seus numerosos habitantes estão divididos em reinos e principados, que são governados por seus respectivos reis e príncipes, e esses são absolutamente mantidos por seus súditos livres.

Poucas nações fazem escravos daqueles sob seu governo; mas esses que são tomados como prisioneiros de guerra por seus vizinhos, são geralmente mantidos como escravos, até que eles possam trocá-los ou dispor deles de outra forma; e na costa oeste eles são geralmente procurados pelo Mercado europeu e vendidos. Eles têm uma grande

aversão ao assassinato, até mesmo em tirar a vida daqueles que eles julgam culpados de algum crime; e, por isso, eles preferem se dispor deles de outra maneira melhor do que ter de matá-los. Isso dá aos mercadores e buscadores de escravos um poder para viajar para o interior do país para comprar esses que seram descartados. Esses buscadores de escravos são um bando de grandes vilões maiores do que quaisquer outros no mundo. Eles frequentemente raptam e roubam mais do que compram; e eles têm apenas seus próprios limites para seguir e vendê-los uns pelos outros; assim se eles são procurados e detectados, os ladrões são raramente encontrados, e os outros apenas alegam que eles o compraram dessa e daquela maneira. Esses sequestradores e buscadores de escravos, chamados mercadores, são uma espécie de vilões Africanos, que são grandemente corrompidos, e até mesmo viciados por suas relações com os Europeus; mas perversos e bárbaros como eles certamente são. Eu não posso imaginar, que se eles soubessem a enorme barbaridade para a qual eles estavam enviando seus pares, eles ainda o fariam. Mas os engenhosos Europeus os enganaram de tal maneira, que eles são comprados por suas invenções de mercadorias, e cativados para isso através de seus artifícios; para os Europeus, em suas fábricas, de várias maneiras, alguns sempre foram mantidos como seus servos, e com roupas extravagantes, de uma maneira alegre, como isca de patos pra enganar aos outros, e dizê-los que queriam muitos mais para cruzar o mar e ser como eles são. Então a esse respeito, onde quer que esteja dito que eles venderiam uns aos outros, eles são apenas capturados e listados para serem servos, mantidos como alguns daqueles que eles vêm nas fábricas, que, por algumas coisas espalhafatosas, como presentes dados a eles e seus amigos, eles são por isso seduzidos a ir; e de forma similar a que os soldados Indianos são requeridos na Grã-Bretanha; e os habitantes daqui, da mesma forma vendem a si mesmos e uns aos outros; e os sequestradores aqui, e os caçadores de escravos na África, são muito parecidos. Mas muitos outros métodos barbaros são utilizados pelos instigadores vis, caçadores e capturadores de homens; e alguns dos perversos e devassos príncipes e chefes da África aceitam presentes, dos Europeus, para caçar certo número de escravos; e por isso são perversamente instigados a guerrear uns contra os outros com propósito de obtê-los, o que produz terríveis depredações; e algumas vezes quando esses compromissos são assumidos, e eles são derrotados em seus propósitos, acontece de alguns do seu próprio povo terem de se sacrificar por sua avareza e crueldade. E pode ser dito quanto aos Europeus, que eles se utilizaram dos mais insidiosos métodos para obter escravos sempre que pudessem, e de qualquer maneira que permitisse

obtê-los, e que seus fortes e fábricas são seus esconderijos declarados de bandidos para ladrões, saqueadores e depredadores.

Mas novamente, sobre os Africanos venderem suas próprias mulheres e crianças, nada pode ser mais contrário ao que eles consideram querido e valioso; e nada pode afligi-los mais, do que separar de quaisquer relações que mantenham ou amigos. Assim é o sentimento afetoso dos pais pelos filhos, que, pela perda de um filho eles raramente podem ser considerados felizes, mesmo se relacionando e se divertindo com os amigos, durante anos. Para qualquer homem, pensar o contrário, quando ele vê vários exemplos de um instinto natural, mesmo entre a criação bruta, a qual tem um sentimento de empatia por suas crias; deve ser uma grande falta de consideração não pensar, que muito mais do que é meramente natural para os animais, deveria ser implantado em um nível mais alto no seio de cada parte da criação racional do homem. E qual homem de sentimento não lamentaria a perda de parentes, amigos, liberdade, e talvez propriedades e outras conexões valiosas e queridas. Essas pessoas trazidas anualmente da Guiné, são nascidas livres, e são criados com grande predileção por seu país, pela independência e a liberdade, como os filhos e filhas da bela Grã Bretanha. Seus súditos livres são treinados para um tipo de serviço militar, não tanto pelo desejo do chefe, mas por sua própria inclinação voluntária. Isso é visto como o maior respeito que poderiam demonstrar ao seu Rei, erguer-se por ele e por sua própria defesa em tempos de necessidade. Seus diferentes chefes tribais, que depositam confiança no chefe superior, ou no rei, exercem um tipo de governo, algo parecido com as organizações feudais que prevaleceram algum tempo na Escócia. Quanto a esse respeito, apesar de algumas pessoas serem livres, eles sofreram frequentemente pela vilania de seus chefes tribais, e pelas guerras e rixas que aconteciam entre eles. Contudo, sua independência e direitos são tão caros a eles quanto alguns privilégios o são para outros povos. E deve-se dizer que a independência e liberdade de aproveitar seus próprios privilégios, queimam com igual entusiasmo e fervor no peito de um Etíope, como no peito de qualquer habitante do globo.

Mas os apoiadores e favoráveis à escravidão usam outras coisas como pretexto e desculpa em defesa própria; como achar que isso foi admitido sob a instituição Divina por Moisés, assim como a prática continua de diferentes nações por décadas; e que os Africanos são peculiarmente marcados por alguma predição assinalada na sua natureza e sua tez para este propósito.

Esse parece ser o maior baluarte de defesa que os advogados e favoráveis à escravidão conseguem avançar, e o que é geralmente dito

em seu favor por aqueles que não entendem isso. Eu considerarei isso naquela visão, em que parece, que eles enganam a si mesmos e desencaminham os outros. Os homens nunca são mais passíveis de serem atraídos pelo erro do que quando a verdade é usada de maneira trapaceira para seduzi-los. Aqueles que não acreditam que as escrituras sejam revelações divinas, não podem, consistentemente, fazer uso da lei de Moisés, ou de qualquer sinal ou predição que diga respeito a quaisquer homens, que possa ser encontrado nas escrituras sagradas, nenhuma razão para que uma classe de homens deva escravizar a outra. A esse respeito, tudo que eles deveriam inquirir deveria ser, se é certo ou errado que qualquer parte da espécie humana deva escravizar a outra; e se esse for o caso, os Africanos, apesar de não serem educados assim, são tão sábios quanto os Europeus; e quando o assunto é confiado à sabedoria humana, são ambos passíveis de errar. Mas o que a luz da natureza, e os ditados da razão, quando considerados de maneira correta, ensinam, é, que nenhum homem deve escravizar o outro; e alguns que têm sido guiados corretamente dessa maneira, têm feito nobres defesas pelos direitos naturais universais e privilégios de todos os homens. Mas, nesse caso, quando o educado não toma a revelação nem a razão para seu guia, eles caem em erros piores e maiores, do que os não-educados; eles só fazem uso do sistema de sabedoria divina, que deveria guiá-los à verdade, quando conseguem achar ou escolher alguma coisa que sirva aos seus propósitos, ou que possam perverter para tal – os mesmos meios que guiam a eles mesmos e aos outros ao erro. E, em consequência disso, os pretextos dos quais alguns homens se utilizam para possuir escravos, deve ser evidentemente a maior perversão da razão, assim como um uso inconsistente e diabólico das escrituras sagradas. Essa só pode ser uma estranha perversão da razão, e um uso errôneo ou uma descrença das sagradas escrituras, quando tudo encontrado lá é tão pervertido por eles, e organizado como um precedente e regra para que o homem cometa perversidade. Seria melhor que não tivessem razão, ou fé nas escrituras, e não fizessem uso delas de maneira alguma, do que apenas acreditar, e fazer uso daquilo que os leva às mais abomináveis e maldosas perversidades ao lidar injustamente com seus pares.

Mas isso pareceria evidente para todos que acreditam nas escrituras, que toda razão necessária está dada, que elas deveriam ser acreditadas; e, nesse caso, que elas nos dispõem essa informação:

Que todo homem provém de um original, que não existem espécies diferentes entre os homens – Deus que fez o mundo, fez de um único sangue todas as nações de homens que habitam todas as faces da terra.

Por conseguinte podemos inferir, que não existem espécies inferiores, mas que são todos de um sangue e de uma natureza, que não há uma inferioridade que subsista, ou dependa, de sua cor, característica ou forma, que alguns homens tomam como pretexto para escravizar outros; e conseqüentemente, como todos têm um único criador, um original, feitos de um único sangue, e todos os irmãos descendem de um único pai, não seria legítimo e justo para qualquer nação, ou povo, oprimir e escravizar outro.

E mais uma vez, que todos os presentes habitantes do mundo vieram da família de Noé, e eram então todos de uma única cor, não há dúvidas, mas a diferença que encontramos agora, surgiu muito rapidamente depois de terem se dispersado e estabelecido nas diferentes partes do globo. Essa parece ser uma tendência, em muitos casos, entre crianças dos mesmos pais, que têm cores diferentes de cabelo e características um dos outros. E Deus sozinho, que estabeleceu o curso da natureza, pode causar e estabelecer as variedades que quiser; e não está em poder do homem fazer o cabelo de alguém ser preto ou loiro. Mas dentre a variedade que Deus quis estabelecer e que aconteceu, podemos estabelecer alguma analogia com a natureza, que como os corpos dos homens são temperados com graus diferentes para permiti-los resistir aos respectivos climas de suas habitações, então suas cores variam, em algum grau, em uma gradação regular do equador em direção a ambos os polos. Contudo, existem outras causas incidentais surgindo de tempos e lugares, que constituem as mais distintas variedades de cores, formas, aparências e características, peculiares dos habitantes de uma região de um país, e se diferenciando em alguma coisa dos outros, até nas mesmas latitudes, assim como aqueles de climas diferentes. Os costumes antigos e os diferentes modos de vida dentre os vários habitantes das diferentes partes da terra, têm um efeito grandioso em distingui-los por uma diferença de características e cores. Esses efeitos são fáceis de serem vistos; quanto às causas, é suficiente que saibamos, que tudo é o trabalho de uma mão toda-poderosa. Portanto, encontramos a espécie humana distribuída habitando as áreas áridas, assim como as mais férteis da terra, e as frias assim como as mais quentes, se diferenciando uns dos outros através da pele, de acordo com sua situação; é razoável, assim como religioso, inferir, que Ele que nos colocou nas mais diferentes situações, estendeu igualmente seu cuidado e proteção à todos; e daí, que se tornou ilegítimo contrariar sua benignidade, reduzindo outros de cor diferente à indesejada escravidão.

De acordo com isso, como achamos que a diferença de cor entre os homens é apenas incidental, e igualmente natural a todos, e está de acordo com seu local de habitação; e se nada mais for diferente entre

eles, a não ser as características ou a tez, quanto a isso, eles são todos igualmente destinados para o gozo de todas as graças e bençãos de Deus. Mas existem alguns homens daquela cor que por não serem negros, sua ignorância e insolência os levam a pensar, que aqueles que são negros, foram marcados por algum sinal de profecia ou maldição, que descende originalmente de seus progenitores. Quero dizer a eles, que a única marca que lemos, e a que geralmente se faz alusão, e que é aplicada por eles de maneira errônea, é aquela marca ou sinal que Deus deu a Cain, para garantir que ele não deveria ser destruído. Cain havia entendido que pela natureza do crime por ele cometido, a lei exigia que a morte, ou decepamento fossem suas punições. Mas Deus em sua providência, nem sempre pune os perversos nessa vida de acordo com seus crimes horrendos, (ouvimos, de um poeta sagrado, que ele viu os perversos florescerem como um loureiro) apesar de ele geralmente os marcar por algum sinal símbolo de sua vingança; e essa é uma prova certa disso, quando o homem começa a ficar endurecido por sua perversidade. A denúncia que recaiu sobre Caim era a de que ele deveria ser um fugitivo e um vagabundo na terra, carregando a maldição e reprovação de sua iniquidade; e que os restos dos homens estavam proibidos de se meterem com ele, ou de corromperem suas mãos por ele, já que é natural, não puxar a carcaça morta de um criminoso cruel, amarrado pela lei de seu país. Mas admitir que a marca colocada sobre Caim consistia em uma pele negra, não se pode ainda traçar conclusão alguma, que quaisquer pessoas negras sejam esses descendentes, já que toda a posteridade de Caim foi destruída no dilúvio universal.

Somente Noé, um homem justo e correto, que foi agraciado por Deus, e seus três filhos, Jafé, Sem e Cam, e suas esposas, oito pessoas, foram preservados do dilúvio universal, na arca que o próprio Noé construiu. Os três filhos de Noé tiveram 3 filhos cada um nascidos logo após a inundação, dos quais todos os homens no mundo hoje são descendentes. Mas ocorreu, nos tempos de Noé, uma profecia, ou maldição, na família de Cam, e que, portanto, um dos descendentes de um dos seus filhos deveria se tornar o servo dos servos para seus irmãos, os descendentes de Sem e Jafé. Isso confere um ótimo pretexto para que os defensores da escravidão Africana construam uma falsa noção sobre isso, já que a história supõe que a África, de modo geral, foi povoada pelos descendentes de Cam; mas eles se esquecem, que a profecia já foi cumprida ao máximo possível.

Não há dúvidas, de que Cam se portou de maneira vergonhosa, pelo que foi relatado dele; mas a culpa, de acordo com a profecia e maldição, caiu apenas sobre as famílias dos descendentes de seu filho mais

novo, Canaan. A ocasião foi, que Noé, seu pai, bebeu vinho, e (talvez desatento) ficou embriagado, e adormeceu em sua tenda. Parece que Cam era extremamente deficiente da virtude filial, seja como pai ou como filho, ele adentrou a tenda de seu pai, e, pode-se supor, de uma maneira indecente, que ele aturou seu próprio filho, Canaan, descobrir seu pai e ver sua nudez; ao invés de perceber a indelicadeza audaciosa de Canaan, ele foi contar aos irmãos ridicularizando o pai idoso. Esse comportamento rude e audacioso de Canaan, e a maledicência de seu pai Cam, resultou na maldição de seu avô, Noé, mas ele abençoou Sem e Jafé por sua descência e virtudes filiais, e denunciou, com espírito de profecia, que Canaan deveria ser o servo deles e servi-los.

Deve ser observado; que é uma desgraça para as crianças, quando seus pais não são dotados com aquela sabedoria e prudência necessárias para a iniciação de suas crias nas sendas da virtude e retidão. Cam foi culpado pela ofensa da mesma forma que seu filho; ele não teve misericórdia da fraqueza de seu pai, que estava embriagado de vinho naquele dia em que, provavelmente, ele teve um trabalho pesado a fazer. Mas a profecia e maldição se voltou toda para os descendentes de Canaan, que se instalaram nas terras conhecida pelo seu nome, na Ásia ocidental, como fica evidente nas escrituras sagradas. Os Cananeus se tornaram pessoas excessivamente perversas, e foram atormentados por várias calamidades, de acordo com as profecias de Noé, por sua abominável perversidade e idolatria.